

A crítica platônica da *doxa*: reflexões arendtianas sobre a ruptura entre filosofia e política

Luiza de Aguiar Neiva

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/3707152998971255>

luizaaguiar007@gmail.com

55

A tradição da filosofia política teve seu início nos ensinamentos de Platão e Aristóteles. Na Alegoria da Caverna, Platão caracteriza o mundo dos assuntos humanos como um lugar de trevas, confusão e ilusão. Para ele, aqueles que buscassem a verdade deveriam abandonar esse ambiente e dirigir-se ao "céu límpido" das ideias eternas, onde a verdade reside. Esse movimento marca o início do afastamento do filósofo da política, considerado um campo de instabilidade, que é incompatível com a busca pela verdade universal.

Platão considera que os assuntos humanos, especialmente a opinião (*doxa*), são inferiores, pois estão ligados ao mundo das aparências e das coisas mutáveis. Para ele, a maioria das pessoas vive aprisionada neste domínio, enquanto apenas o filósofo é capaz de se afastar dessas ilusões e alcançar a verdade eterna. Entende-se que cada pessoa possui sua própria opinião, sua *doxa*, que reflete a maneira como o mundo lhe aparece. No entanto, para Platão, há apenas uma única verdade, e é necessário distanciar-se desse mundo comum, onde transitam as opiniões ilusórias, para contemplar as ideias verdadeiras. Para Arendt, esse distanciamento acaba separando o filósofo das questões da vida cotidiana e dos compromissos da vida política.

Arendt aponta que, ao estabelecer esses padrões elevados e intangíveis para a verdade, Platão afastou a filosofia do âmbito político, impondo um ideal de razão que vê as questões políticas como irrelevantes ou inferiores. Estabeleceu-se assim, a tradição platônica que professava salvar os homens da mera opinião, concedendo-lhes o conhecimento absoluto. Contudo, para Hannah Arendt, essa valorização do conhecimento absoluto compromete precisamente o que há de mais essencial no juízo político: a capacidade de ver o mundo a partir da perspectiva do outro. Em contraste com o ideal

platônico de verdade como algo único e universal, Arendt concebe o entendimento político como uma atividade enraizada na multiplicidade das opiniões e na ampliação do próprio ponto de vista por meio da consideração dos outros.

A crítica de Platão à doxa e sua valorização da verdade absoluta inauguram uma tradição filosófica que se distancia do mundo comum e da esfera política. A partir das reflexões de Hannah Arendt, torna-se possível repensar essa ruptura entre filosofia e política, evidenciando como a exclusão da opinião e da pluralidade compromete o próprio exercício do juízo político. Esta apresentação propõe-se a investigar o antagonismo entre filosofia e política na história, com especial atenção às implicações no contexto contemporâneo, marcado pela desinformação.

56

Palavras-chave: Platão; Hannah Arendt; Verdade; Política; Opinião; Pluralidade.

Bibliografia

ADVERSE, H. Arendt, a fenomenalidade e a política: o problema da aparência. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 556-569, 2015.

AGUIAR, O. A. A amizade como *amor mundi* em Hannah Arendt. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 131-144, 2010.

ALVES NETO, R. R. Sobre o sentido de testemunhar a verdade. In: _____. Por que ler Hannah Arendt hoje? Rio de Janeiro: Via Verita, 2022, p. 281-292.

ARENTE, H. Filosofia e Política. In: ABRANCHES, A. A dignidade da política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 91-116.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação: Adriano Correia. São Paulo: Forense Universitária, 2014.